

Supermercados faturam menos 25%, no geral

Nem mesmo os supermercados da cidade escapam dos tentáculos da crise econômica, embora comercializem basicamente produtos essenciais para o consumidor. O vice-presidente da Associação de Supermercados do DF, João Manuel dos Santos, alega que as vendas de junho caíram 20 a 25 por cento, em comparação ao mesmo período no ano passado, surpreendendo a classe empresarial.

O diagnóstico para essa crise já foi divulgado pela Associação de Supermercados: insegurança do funcionalismo público, congelamento de salários da maior parte dos consumidores e uma inflação ainda pequena, mas que está com dois dígitos. "Brasília depende fundamentalmente do serviço público, que hoje está demitindo e colocando em disponibilidade um grande número de funcionários. Se não bastasse isso, a venda dos dez mil imóveis funcionais tem feito com que esses servidores economizem tudo que podem, para comprar seus apartamentos", destaca Manuel dos Santos.

Essa queda de vendas pode ser ainda mais drástica, se for levada em consideração a comercialização dos produtos não-comestíveis. "Aí, a retração do movimento atinge 40 por cento", comenta o vice-presidente da Associação de Supermercados. Ele lembra que, desde a decretação do plano de estabilização econômica do Governo, o brasileiro teve o seu poder de compra reduzido em 22 por cento.

Com os salários congelados, os consumidores dificilmente se ariscam em compras a prazo, já que algumas empresas estão cobrando uma taxa de juros de 25 a 28 por cento para os financiamentos. Manuel dos Santos diz que não ousaria falar sobre o futuro.